



ISSN: 1984-4751

PRECONCEITO NA PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

Josias Pereira¹
Josiane Brignol²
Mara Cezar³

RESUMO

A produção de vídeo é uma realidade das escolas brasileiras, porém ainda existem preconceitos desta ação no meio acadêmico, mesmo com grupos de pesquisas, livros e teses sobre o assunto. No Brasil temos em média cinquenta festivais de vídeo estudantis em atividade. O que demonstra crescente interesse de educadores e educandos pelo trabalho neste viés. Realizamos uma pesquisa com professores da educação básica sobre a ação de preconceito sofrido quando realizam vídeo. A pesquisa demonstra que mesmo a produção de vídeo crescendo no país muitos professores questionam essa ação e até discriminam a mesma. Foi utilizado o Discurso Social Coletivo (DSC) como análise dos dados. Concluímos que os professores que produzem vídeo relatam ter empatia por essa ação pedagógica devido receptividade e envolvimento que seus alunos demonstra embora se sintam muitas vezes enfraquecidos frente ao sistema escolar que na maioria das vezes não vê com bons olhos trabalhos que perpassam o limite das paredes da sala de aula.

Palavras-chave: Produção de Vídeo Estudantil. Preconceito. Professores.

1. Introdução

¹ Professor da Universidade Federal de Pelotas. Dr. Em Educação (UFpel) Professor Adjunto do curso de Cinema e Audiovisual e do programa de Pós-graduação em Educação Matemática. Pelotas /RS

² Mestranda em Educação Matemática pela Universidade Federal de Pelotas (PPGmat/UFpel). Pelotas/Rs

³ Aluna do curso de especialização em Artes, Percursos Poéticos. Universidade Federal de Pelotas (UFpel). Pelotas/RS

A presença da tecnologia digital na vida social representada principalmente pelo uso de telefones celulares, é massiva e constante. Segundo dados da Anatel, notícia publicada em outubro de 2018, o número de linhas móveis é maior que o número de pessoas, sendo 234,4 milhões em operação, e 111,96 celulares para cada 100 habitantes.

Conseqüentemente, a presença do celular dentro do ambiente escolar faz parte da rotina da maioria dos estudantes. O uso de tecnologia de telefonia móvel praticamente em tempo integral para diversas funções como visualização de vídeos, acesso a redes sociais, escuta de músicas, games, a filmagem e compartilhamento de algum fato de interesse do grupo o qual fazem parte ou querem serem aceitos, entre uma gama de outras possibilidades. Este fato nos leva a pensar a importância do uso dessa tecnologia na educação como recurso pedagógico na construção do conhecimento.

Dentre as ações que o celular possibilitou uma delas é a gravação em vídeo, pois com o avanço tecnológico gravar um vídeo passou a ser uma ação corriqueira dos membros da sociedade. Vídeos caseiros são feitos e enviados a amigos, senhoras da terceira idade trocam receita de bolo gravando vídeo para seus grupos de família na rede WhatsApp, jovens e adolescentes gravam suas conquistas e postam nas redes sociais. Sendo assim temos jovens realizando vídeo fora do espaço escolar. O questionamento que levantamos é como as escolas estão se adaptando a essa ação de produzir vídeo dentro do espaço escolar?

Entretanto, ainda que muitas sejam as iniciativas por parte dos professores de uso dessa tecnologia para produção de vídeos em sala de aula, o cenário ainda é incipiente e cheio de dificuldades e preconceitos por parte dos demais professores. Por outro lado, é uma das ações que os alunos gostam e se sentem bem realizando, conforme defende Pereira e Janhke (2012). Nesta dicotomia que a produção de vídeo estudantil se encontra entre o entusiasmo dos que realizam e o desânimo dos que desaprovam como as universidades nos cursos de Licenciatura e Pedagogia estão trabalhando a produção de vídeo estudantil? Segundo Pereira e Mattos (2017) no levantamento feito em seis universidades do estado do Rio Grande do Sul aponta que nos cursos de Licenciatura e Pedagogia pesquisados nenhum trabalhava o audiovisual na sala de aula. Sendo assim como fica a capacitação docente nesta ação que vem crescendo no país? Muitos dos preconceitos que a produção de vídeo estudantil sobre é em função da falta de debate dentro da academia sobre essa ação. Por isso foi criado em 2016 o I Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil que é o espaço onde professores e

alunos podem debater sobre teorias e ações desta produção audiovisual deslocada do mundo audiovisual para o mundo da educação básica.

No nosso grupo de pesquisa produção de vídeo estudantil (GP2VE) defendemos a ampla utilização da tecnologia digital representada pelos telefones celulares em sala de aula, para produção de vídeos pelos alunos. Teses como a de Boll (2013) Pereira (2014) e Oechsler (2018) apontam que essa ação de fazer vídeo dentro do espaço escolar contribui para o processo educacional. Sabemos da importância dessas práticas alinhadas ao processo ensino-aprendizagem, tornando possível o desenvolvimento do educando, a sua assunção enquanto indivíduo e sujeito sócio-histórico-cultural do ato de conhecer, emancipando-o, ou seja, conferindo-lhe autonomia (FREIRE, 1999) enquanto subjetividade diversa inserida em um grupo, sua sala de aula. A produção de vídeo possibilita que a relação professor e alunos seja diferenciada, a partir do momento que discentes e docentes estão unidos em uma tarefa a realização audiovisual. No dizer de Freire:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do “tu” que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (FREIRE, 1999, pág 46)

No contato com o real de uma produção cinematográfica, destaca-se o ato de filmar, já que a experiência da passagem ao ato é em sua teoria insubstituível, por suscitar um saber não acessível apenas pela análise dos filmes (BERGALA, 2008), ou como defende Pereira e Dalpont (2018) essa ação dentro do espaço escolar possibilita o docente o trabalho do currículo oculto principalmente o debate entre professores e alunos de uma forma mais exequível. Sendo assim a produção de vídeo estudantil, mesmo que ainda de forma amadora, por envolver recursos simples, disponíveis entre os estudantes possibilita um espaço de criação do imaginário através do processo de sua construção, criando um espaço para demonstração do olhar singular e individual de cada aluno participante, é o momento que o aluno apresenta um pouco do seu universo simbólico como defende Christ (2015).

Mesmo diante do avanço da tecnologia e a disseminação de aparelhos móveis na sociedade percebemos que na educação existe uma resistência por parte das escolas e educadores em se apropriar de seu uso de maneira a beneficiar e estimular a construção do

conhecimento por parte dos alunos de forma crítica e autônoma. No vídeo produzido por Dutra (2016) intitulado “A produção de vídeo nas escolas, um ato de amizade” para seu TCC[1] apresentado no curso de Cinema e Audiovisual apresenta entrevista com estudantes e professores sobre o processo de produção de vídeos para o I Festival de Produção de Vídeo Estudantil do Capão do Leão relata falas de estudantes da referida cidade que passaram por oficinas realizadas pelo projeto de extensão da UFPel “Produção de Vídeo nas Escolas”. A estudante N.G de quatorze anos uma das alunas comentam sobre como foi realizar o projeto.:

A diferença de uma aula normal para esse projeto eu acho que é as ideias, porque nesse projeto a gente põe nossa opinião, a gente fala o que a gente pensa, o que a gente quer e o que a gente pretende, o nosso objetivo e na sala de aula a gente está mais ali pra gente aprender o que eles têm para nos ensinar e no projeto a gente querendo mostrar o que a gente sabe no caso.

É importante que os educadores tenham a consciência da importância de se aproximar deste contexto tecnológico em que vivem os educandos de todos os níveis educacionais, pois métodos arcaicos e enfadonhos não atraem mais os estudantes do mundo atual, o qual tem acesso às mais diversas informações e atrações na internet. Como se prender e ter curiosidade em um sistema que muitas vezes oferece apenas quadro e giz e livros didáticos padronizados para todas as regiões?

2. Embasamento Teórico

Para mudar esta visão e dar um sentido a esta disciplina e a outras que dentro do viés tecnológico busca-se trabalhar com a produção de vídeo estudantil na tentativa preencher a lacuna que existe entre o aluno e o professor o primeiro acaba usando a tecnologia sem direcionamento e o segunda resiste o seu uso educacional, pois muitas vezes desconhece como utilizar e a importância desta prática como uma ação de autonomia, proporcionando o aluno a utilização destes recursos para a superação das dificuldades apresentadas, reflexão e colaboração entre os estudantes. Assim proporcionando estratégias, argumentando, envolvendo o aluno na prática, interagindo com o conteúdo de aprendizagem, atingindo um grande grupo com diferentes possibilidades de compreensão cognitiva, respeitando a individualidade de cada ser. Dentro desta relevância, D´Ambrosio afirma que:

(...)o ato de criação como elemento mais importante em todo esse processo, como uma manifestação do presente na transição entre passado e futuro. Isto é, a aquisição e a elaboração do conhecimento se dão no presente, como resultado de todo um

passado, individual e cultural, com vistas às estratégias de ação no presente projetando-se no futuro, desde o futuro imediato até o de mais longo prazo, assim modificando a realidade e incorporando a ela novos fatos (...). (2005,p.18)

A tecnologia nos tempos atuais pode contribuir para desenvolvimento intelectual, moral e físico do educando, visando uma melhor integração social ao meio em que se encontra. Considerando esse contexto, a expansão da tecnologia móvel e o amplo acesso a mesma, em sala de aula é realidade que se impõe. Em especial, o uso dos telefones móveis para produção de vídeo Não só por fazer parte da realidade dos estudantes, como também por ser hoje a linguagem que mais facilmente se adequa a essas “existências”.

Ferrés (1996) e Babin Kouloudian (1989) que defendem o audiovisual trabalhando no sensorial e emocional do aluno, e como defende Pereira (2014) quando defende que a neurociência é a teoria que embasa a produção de vídeo estudantil pelo viés educacional já que a memória de longo prazo é formada com base na emoção advinda do estímulo do hemisfério direito, como a escola trabalha esse hemisfério para ajudar o aluno na criação de uma memória de longo prazo que o ajudará a resolver questões do seu dia a dia no futuro? Será que nossa escola só se preocupa com as notas dos alunos?

Defendemos que os professores podem utilizar o cinema/ vídeo (assistir e fazer) como uma “aproximação crítica da realidade”, como diria Freire (1996) em relação ao lugar do professor e do estudante conhecer e debater a sua realidade.

A produção de vídeo dentro do espaço escolar ainda vai sofrer muitos preconceitos em função de ser algo novo ainda incipiente dentro da academia. Percebemos que a maior dificuldade é qual o grupo que vai pesquisar essa ação se é as artes e o curso de audiovisual e cinema ou se é a Pedagogia e os cursos de Licenciatura. Defendemos que os dois grupos deveriam se unir e debater cada um em seu campo de atuação as consequências tanto dentro do espaço escolar e a sua relação com o ensino como a da língua em audiovisual, já que o aluno na primeira infância antes de aprender os primeiros vocábulos já decodifica as imagens, já possui letramento audiovisual. Crianças de dois anos já possui o seu letramento e escolhe no celular do parente mais próximo qual o vídeo preferido e se deseja ver no *you tube* ou no *Netflix*. Essas ações mostram que essa geração possui uma alfabetização audiovisual desde a tenra idade e é necessário a escola se atualizar para poder adequar o seu ensino a essa nova geração que está chegando a escola.

O professor Ederval Trajano, de Pernambuco em 2016 em entrevista para o jornal Diário de Pernambuco, por exemplo, informou que sofreu discriminação por ter realizado vídeo com seus alunos. Segundo o professor alguns professores reclamavam que seu projeto prejudicava os conteúdos. O referido professor foi transferido de escola antes do final do ano, não podendo dar continuidade a seu projeto de vídeo nas escolas⁴.

3. Metodologia

A metodologia é algo fundamental em uma pesquisa, já que apresenta a coleta de dados com os sujeitos da pesquisa e a análise dos dados com o foco nos teóricos abordados. Nossa pesquisa é qualitativa com abordagem ao “Discurso Social coletivo” (DSC). Para Minayo (1992), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Barros e Lehfeld (2002), comentam que toda pesquisa tem origem em um problema sentido, em uma expectativa frustrada, em uma dificuldade teórica ou prática, no nosso caso é analisar os preconceitos que os professores que produzem vídeo vivenciam no seu dia a dia como produtores de mídia dentro do espaço escolar.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é um procedimento metodológico, próprio de pesquisas sociais empíricas de corte qualitativo, que consiste numa forma de representar o pensamento de uma coletividade, o que se faz agregando, num só discurso-síntese, conteúdos discursivos de sentido semelhantes, emitidos por pessoas distintas, como respostas a perguntas abertas de questionário. O Discurso do Sujeito Coletivo ou DSC é um discurso síntese elaborado com pedaços de discursos, de sentido semelhante reunidos num só discurso. Considero o DSC um método interessante de análise para quem trabalha com a produção de vídeo estudantil.

Segundo os autores Lefèvre F. e Lefèvre A. M. (2005b), quando se busca resgatar o pensamento de uma coletividade sobre um tema, é preciso considerar que o pensamento ou a opinião dos indivíduos só podem ser vistos como depoimento discursivo, manifestação linguística de um posicionamento sobre um tema, composto de uma ideia central e seus conteúdos e argumentos. O resgate das opiniões coletivas que desemboca num conjunto de

⁴ http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/03/04/internas_viver.630628/a-saga-do-professor-pernambucano-conhecido-como-o-cinefilo-da-sala-de.shtml acessado dia 13/10/2018
Revista Tecnologias na Educação – Ano 10 – Número/Vol.28 –tecnologiasnaeducacao.pro.br
<https://tecedu.pro.br/>

discursos coletivos (DSC) é um processo complexo subdividido em momentos e operações realizadas sobre o material coletado pela pesquisa. No DSC trabalhamos com:

Expressões Chave – (E-ch) - Chave são trechos selecionados dos depoimentos, que melhor descrevem seu conteúdo

Idéias Centrais (ICs) - São idéias sintéticas que descrevem os sentidos presentes nos depoimentos de cada resposta e também no conjunto de respostas de diferentes indivíduos que representam sentido semelhante ou complementar

Ancoragens (ACs) - São fórmulas sintéticas que descrevem não os sentidos, mas as ideologias, os valores, as crenças, presentes no material verbal das respostas individuais ou das agrupadas, sob a forma de afirmações genéricas destinadas a enquadrar situações particulares.

3.1 Sujeito de Pesquisa

Nosso sujeito de pesquisa são professores da educação básica que realizam vídeo com seus alunos. Para encontrá-los foi utilizado o grupo do WhatsApp produção de vídeo estudantil que conta com 86 professores que produzem vídeo e a rede social facebook no grupo aberto “Produção de vídeo estudantil” que conta com quase 600 professores cadastrados. Para estes grupos fizemos a seguinte pergunta:

- Professor você já sofreu discriminação quando produziu vídeo com seus alunos?

4. Análise e Discussão dos Dados

Tivemos dezenove respostas de professores que entraram em contato informando o seu problema. Depois de realizar a análise dos dados organizá-los como expressões chaves e ideias centrais chegamos as ancoragens e assim foi formado o discurso social coletivo do grupo analisado. O que nos chamou atenção foi que cem por cento dos que enviaram resposta sofreram algum tipo de preconceito pelos seus pares.

Utilizamos o discurso social coletivo para analisar essas ações. As respostas livres foram analisadas dentro da metodologia do DSC que consiste na reconstrução, a partir das respostas dos indivíduos, de quantos discursos sínteses forem necessários para expressar uma representação social daquele grupo. Com o término das entrevistas realizamos a organização do material, depois as respostas foram analisadas isoladamente. Selecionamos algumas questões que achamos ser representativas para análise qualitativa do Discurso Social Coletivo.

Segundo Lefèvre F. e Lefèvre A. M. (2005a) nos mostram algumas variações de apresentação do Discurso Social Coletivo. Entre as expostas escolhemos a que nos pareceu mais conveniente com a pesquisa realizada. As questões foram separadas obedecendo as referidas respostas em Expressões-Chave (E-Ch), Idéia Central (IC) e a Ancoragem (AC). As expressões-chave foram caracterizadas de acordo com categorias extraídas dos discursos individuais e ou temáticas levantadas na pesquisa.

Pergunta ao grupo - Professor você já sofreu discriminação quando produziu vídeo com seus alunos?

Como professor sempre procurei uma didática que ajudasse os alunos a compreender melhor os conteúdos. Na escola os alunos me perguntavam se poderiam fazer algo em vídeo. Alguns já me mostravam vídeos prontos sobre o conteúdo da disciplina. E são os mesmos alunos que utilizavam vídeo para estudar. Quando comecei a fazer vídeo com os alunos percebi a animação deles em organizar o trabalho e ao mesmo tempo alguns professores me questionaram qual o motivo de fazer vídeo com os alunos já que eu não sou da área de artes, mesmo explicando que existem livros, teses, grupos de pesquisas e um congresso sobre o tema fui discriminado por não dar aula, fugir do conteúdo. Até a diretor veio me perguntar como andava o meu conteúdo em uma reunião dos professores. O que percebo é que os professores não têm interesse em produzir vídeo com os alunos, pois dá muito trabalho, escolher o roteiro demora, a gravação é um caos e não sabem editar. Mas no final quando o vídeo é exibido os alunos ficam rindo e até chorando. Os pais até entram em contato comigo pedindo cópia do vídeo. Tive pais que foram na gravação, levaram lanchinho e um até me falou que era bom a escola ter mudado. Quando penso nos meus pais não tenho vontade de fazer vídeo na escola, mas quando penso nos alunos me dá força para continuar.

5. Conclusões e/ou Propostas

Percebemos que a produção de vídeo é algo novo dentro do espaço escolar, e que ao mesmo tempo existe resistência de professores e da equipe diretiva. O aumento de grupos de pesquisas como o da UFpel, coordenado pelo professor Dr. Josias Pereira; da UNESP coordenado pelo Professor Dr. Marcelo Borba; o da UESB, professor Dr. Claudinei Santana estão colaborando para apresentar a produção de vídeo na escola como uma alternativa. Destes grupos estão saindo dissertações e teses sobre o tema. Pesquisadores começam a debater sobre o tema apoiando esta ação pedagógica como possibilidade construir o conhecimento mediado pela tecnologia presente entre os jovens e os conteúdos escolares, renovando e incentivando uma relação colaborativa entre o educando e o educador.

Muitos professores realizam vídeo sem apoio de seus pais, participam de festivais e ganham prêmios. Algumas secretarias de educação já colocaram a produção de vídeo dentro do calendário acadêmico. Alunos colocam em suas redes os vídeos feitos na escola. Alunos

**Revista Tecnologias na Educação – Ano 10 – Número/Vol.28 – tecnologiasnaeducacao.pro.br
<https://tecedu.pro.br/>**

perguntam ao professor se podem fazer vídeo em vez de prova. São mudanças sutis, mas é uma silenciosa revolução que está a caminho.

6. Referências Bibliográficas

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marrie F. **Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador**. São Paulo: Paulinas, 1989.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERGALA, Alain - **A hipótese-cinema Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink - CINEAD LISE-FE/UFRJ, 2008.

BOLL, Cíntia Inês. **A Enunciação Estética Juvenil em Vídeos Escolares no Youtube**. 2013. 118 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

CHRIST, Kelly Demo. **Perspectivas de ensino e expressão com o cinema: Um estudo a partir do projeto oficina de vídeo estudantil**. TCC. Universidade Federal de Pelotas UFPEL, 2015

D'AMBROSIO, Ubiratan - **Educação Matemática da Teoria à Prática**. - 12ª ed. Campinas, SP :Papirus, 2005.

DUTRA, Regis Aguiar. **A Produção de Vídeo Contribuindo no Processo de Ensino-aprendizagem**. TCC. Universidade Federal de Pelotas UFPEL, 2016

FERRÉS, Joan. **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

I CBPVE – **Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil**. Pelotas. Editora Rubra Cognitiva. 2016

LEFÉVRE F; LEFÉVRE AMC. **O discurso do sujeito coletivo. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. Desdobramentos. Caxias do Sul: EducS 2005b.

LEFÉVRE, F.; LEFÉVRE, A. M. **Depoimentos e discursos: Uma proposta de análise em pesquisa social**. Brasília: Líber, 2005a.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro / São Paulo. 1992.

OECHSLER, Vanessa. **Comunicação Multimodal: produção de vídeo sem aulas de Matemática**. 2018. 311f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Rio Claro.

PEREIRA, J.; MATTOS, D. P. **A Utilização das Tecnologias na Prática da Sala de Aula: Entre Práticas e Teorias que se Distanciam**. VI CBE – Congresso Brasileiro de Educação. 2017.

PEREIRA, Josias. **A produção de vídeo estudantil na prática docente: uma forma de ensinar**. 2014. 222f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Pelotas.

PEREIRA, Josias; DALPONT, Vania. **Como Fazer Vídeo Estudantil na Prática da Sala de Aula**. Pelotas/RS. Erdfilmes Editora, 2018.

PEREIRA, Josias; JANHKE, Giovana. **Produção de vídeo nas escolas: educar com prazer**. Pelotas: ErdFilmes Editora, 2012.

Recebido em Outubro 2018

Aprovado em Dezembro 2018